

**GROSSI, Miriam P.; MINELLA, Luzinete S.; PORTO, Rozeli
(orgs). *Depoimentos: trinta anos de pesquisas feministas
brasileiras sobre violência. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006.***

Tânia Regina Zimmermann
Acadêmica do Programa de Pós-Graduação da UFSC
zimmermanntania@hotmail.com

Palavras-chave: mulher, violência, depoimentos.

Keywords: woman, violence, depositions.

Obra organizada pela antropóloga Miriam Pillar Grossi e as pesquisadoras Luzinete Simões Minella e Rozeli Porto na qual estão reunidos depoimentos de dezessete importantes contribuições de profissionais que tem dedicado e pesquisado sobre violências contra mulheres no Brasil. A obra resulta do intenso trabalho de pesquisa no projeto que tem por título: Mapeamento Nacional de Pesquisas e Publicações sobre Violência contra Mulheres com apoio institucional da Fundação Ford. As organizadoras fazem parte do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades da Universidade Federal de Santa Catarina.

Pela riqueza dos depoimentos percebe-se o desenvolvimento das pesquisas sobre violência contra a mulher que datam desde 1975 até 2005. O levantamento de diferentes produções acadêmicas permitiu a ampliação do acervo bibliográfico do núcleo e assim estruturou um banco de dados sobre o tema. O diálogo entre entrevistadoras e pesquisadoras seguiu um determinado roteiro. Em todas as entrevistas faz-se presente uma biografia histórica contemplando a trajetória intelectual e cidadã com relação ao tema central dos depoimentos. As falas indicam que nem todas são ou foram militantes feministas embora haja uma forte influência destes movimentos no desenvolvimento das pesquisas. É revelador também que o andamento das pesquisas das entrevistadas deu-se conquistando espaços através de estratégias em meio às dificuldades institucionais. As entrevistas seguiram ainda o direcionamento de questões voltadas a referências importantes tanto no Brasil como no exterior e que por meio destas e destes autoras (es) foi possível criar novas perguntas sobre a violência contra a mulher. Outros aspectos fizeram parte das questões como o surgimento e

expansão dos núcleos de pesquisa, parcerias, orientações, projetos em andamento, fontes de financiamento, dificuldades e carências de pesquisa. A escolha das entrevistadas seguiu os seguintes critérios ligados ao tema: experiência com pesquisas, responsabilidades por núcleo de pesquisas, publicações reconhecidas na área e um número significativo de orientações.

A pesquisa encaminhou-se para orientações em dois grandes campos interdisciplinares: ciências sociais (educação, letras, sociologia, serviço social, antropologia, etnologia) e na saúde coletiva (medicina e enfermagem). As pesquisas foram realizadas em várias cidades do país e na maioria das vezes em um diálogo direto com as entrevistadas. Os depoimentos foram articulados a partir de três eixos básicos que foram a militância, a necessidade acadêmica de vislumbrar a complexidade do tema e por meio do Estado através de serviços a saúde e atendimentos jurídicos.

Uma das constatações das organizadoras da obra revela que a visibilidade da violência contra mulher tornou-se latente nos anos noventa e por incursões no campo da saúde coletiva. O tema não era novo, mas voltava à tona por outro campo de reflexão que não a antropologia ou sociologia. É nesse período também que o tema da violência reapareceu ocupando espaços da mídia, da academia e das falas cotidianas.

Na primeira entrevista da obra, Juliana C. Mendes e Simone Becker dialogam com Ana Flávia D' Oliveira e Lilia Blima Screiber. Ambas são médicas e trabalham no departamento de medicina preventiva da USP. Desenvolvem importantes pesquisas e atuação em práticas de saúde e violência de gênero. Também participam de projetos financiados por ONGs e da OMS. São defensoras da atenção integral a mulher e de aspectos relacionais que perpassem a construção da saúde e da masculinidade e da não banalização da violência.

Na entrevista com Cláudia Fonseca, Flávia Motta, Rozeli Porto e Analba B. Teixeira revelam a proximidade da autora com a temática a partir de pesquisas do cotidiano e da percepção das relações de poder que não se limitam aos grupos populares. Sua fala aponta para a plasticidade ao lidar com a violência contra a mulher e relata suas experiências com alfabetização de mulheres na África através de projetos da Unesco. No Brasil integrou a equipe da Fundação Carlos Chagas. A autora refuta o simplismo da dominação masculina e aponta para variáveis como negociações e sobreposições de poder. Os lugares de fala podem indicar, no caso da família, usos políticos do Estado para a omissão na questão da violência contra a mulher. Tornam-se necessário combater a centralidade de certo modelo familiar e o papel culturalmente atribuído ao homem.

Débora Diniz concedeu entrevista a Rozeli Porto relatando seu engajamento na área do Serviço Social e da Enfermagem com relação à violência contra a mulher, mais

especificamente a violência sexual. Sua preocupação foi dar visibilidade a este tema nas duas áreas acima citadas, montando uma disciplina específica nesta questão. Para ela existe uma carência teórica sobre esta temática e insiste na criatividade. Também aponta para ausências e silêncios de pesquisas sobre a violência em meninas ou mulheres portadoras de deficiências. Reitera por fim a necessidade de articulação da academia com a realidade social. Na entrevista com Estela M.L. Aquino, Karla G. Adrião questionou sua trajetória na medicina e nos projetos que envolvem gênero e saúde coletiva. Além dos fundamentos específicos da área da saúde aponta para leituras interdisciplinares (sociologia, história, antropologia e psicanálise) e critica a medicalização do corpo feminino e a naturalização da violência contra a mulher. É uma das fundadoras do MUSA (Núcleo de Estudos sobre a Mulher e Saúde).

A socióloga Eva Blay foi entrevistada por Juliana C. Mendes e Simone Becker e iniciou pesquisas sobre violência feminina ao contactar com mulheres trabalhadoras nos anos 70. Blay entende que a violência doméstica enquanto conceito é limitado optando por violência contra a mulher para abordar diferentes violências. Rediscute o desejo de mulheres, o imaginário masculino e a legitimidade dos discursos. É uma das principais fundadoras do NEMGE (Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero) da USP. A cientista política Guita Debert concedeu entrevista a Flávia de M. Motta e Rozeli Porto e destacou a necessidade de dois enfoques na violência doméstica: entre casais e entre gerações da família. Também observa a importância da luta contra a vitimização e a judicialização de relações na família e destaca a despolitização feminista e da justiça.

Juliana C. Mendes e Simone Becker entrevistam Heleieth Saffioti onde destacam a inserção da pesquisadora neste universo temático bem como as articulações econômicas, sociais e políticas com as relações de gênero. Autora rediscute gênero, público e privado, os códigos civil e penal e algumas autoras de referência como Judith Butler e Teresa de Lauretis. Na entrevista com Lia Zanotta Machado, Rozeli Porto destaca sua participação no movimento feminista *Brasília Mulher* e a participação na pesquisa sobre violência, gênero e crime em Brasília. Rediscute conceitos como violência contra a mulher, gênero e a noção de poder patriarcal e aponta para a flexibilidade de conceitos e noções, para as relações subjetivas e para a complexidade das posições de sujeitos na situação de violência. Ressalta ainda a tendência judicial em defesa da estabilidade da família e não dos direitos individuais e da dificuldade institucional de articular violência com os agravos à saúde. A autora sugere novas leituras da violência entre homossexuais, de classe, de gênero e de família. Lourdes Bandeira conversa com Rozeli Porto e Analba B. Teixeira sobre sua trajetória na Universidade Federal da Paraíba, no Movimento Feminista *Maria Mulher* e em ONGs. Através de suas pesquisas

foi possível visibilizar as mulheres nordestinas com questões sociais, econômicas, políticas e culturais. Também alerta para a inovação teórico-conceitual e nas limitações do conceito de gênero, de direitos humanos e de violência contra a mulher. A autora articula o aumento de nomenclaturas nas tipificações da violência com a atuação das mulheres contra as agressões. Lucila Scavone fala a Rozeli Porto e destaca a articulação feminista com arcabouços teóricos para inovações que reflitam no campo social e político.

Na entrevista de Maria Filomena Gregori com Rozeli Porto e Analba B. T, a pesquisadora enfatiza sua militância em um grupo do coletivo feminista, do *SOS Mulher* e suas pesquisas consideradas inovadoras na questão da participação das mulheres em relações violentas. Neste sentido, afirma que é preciso observar uma série de clivagens de diferenciação que são construídas produzindo desigualdades de poder. Normélia M.F. Diniz, Regina L. M. Lopes, Climene L. de Camargo e Maria do R. de Menezes foram entrevistadas por Karla G. Adrião coletivamente. As pesquisadoras atuam na área da saúde da mulher e pesquisam a violência contra mulher, crianças e adolescentes, aborto e gravidez.

Russel Parry Scott dialogou com Patrícia G. A. discorrendo sobre pesquisas com mulheres de famílias rurais onde a violência estava presente, sobre saúde da mulher em situação de violência, violência contra crianças e adolescentes. Silvia Ramos e Bárbara M. Soares em entrevista com Juliana C. Mendes e Simone Becker comentam suas pesquisas sobre violência contra mulher e as conseqüências para a saúde, a atuação do judiciário e da sociedade civil, a vitimização da mulher e de homossexuais. Na última entrevista Simone Diniz discute com Karla G. A e Simone B. sua atuação na medicina preventiva e saúde pública. Abriu juntamente com Lilia Schreiber a *Casa do Coletivo Feminista de Sexualidade e Saúde* e posteriormente montaram a *Casa Eliane de Grammont*, a primeira no atendimento integral para a mulher. Entende que todas as políticas públicas são políticas de gênero e centra-se na violência praticada pelas próprias instituições e seus agentes. Um de seus projetos de pesquisa recente versa sobre a violência institucional no parto.

O livro é finalizado com notas biográficas das entrevistadas que contribuem com informações complementares sobre a trajetória pessoal de cada pesquisadora. No livro reúnem-se profissionais das mais diversas áreas e abordagens sobre a violência contra a mulher e também homens, crianças, adolescentes, homossexuais. As entrevistas dão um amplo leque de direcionamentos, de abordagens, de discussões, de debates, de conceitos, métodos e panorama de pesquisas e bibliografias no Brasil com referências também no exterior.

